

Baruc e Jeremias nas duas edições mais antigas do Livro de Jeremias conhecidas

INTRODUÇÃO

Principais diferenças entre a LXX e o TM de *Jeremias*

As Escrituras judaicas foram traduzidas do hebraico ou do aramaico para o grego entre o século III e o século I. a.C., sobretudo em Alexandria, então um dos centros mais importantes e criadores do judaísmo. Foram traduzidos não só os livros que viriam a formar o cânone judaico a partir de fins do século II d.C., mas também outras obras. Além disso, escreveram-se outros livros ou partes de livros directamente em grego. Costuma chamar-se à colectânea resultante desse processo de tradução e escrita a Bíblia dos Setenta (LXX)¹, a Bíblia grega ou a Bíblia de Alexandria². Foram essas as Escrituras, mais vastas do que as Escrituras mais tarde delimitadas pelo cânone judaico, que os cristãos adoptaram. Depois de lhes terem acrescentado os seus escritos próprios, o Novo Testamento, os cristãos viram nelas o Antigo Testamento.

Vários livros comuns à LXX e à Bíblia hebraico-aramaica (TM)³ têm diferenças de maior ou menor vulto. Elas são flagrantes

¹ Deve o nome à carta de Aristeias, uma ficção histórica segundo a qual 72 sábios enviados de Jerusalém pelo sacerdote Eleazar a pedido do rei do Egipto teriam traduzido a *Torá* para a biblioteca de Alexandria.

² *La Bible d'Alexandrie* é o título adoptado na tradução francesa, em vias de publicação, por Marguerite Harl e a sua equipa.

³ Por comodidade, designo-a com a sigla TM (Texto Massorético), sem ter em conta o facto de que, no sentido próprio, o TM é o texto consonântico vocalizado e pontuado pelos massoretas.

no caso de *Jeremias*. Foram já notadas por Orígenes⁴ e S. Jerónimo. Orígenes encara as diferenças na posição de defensor da Bíblia grega, a que era usada pelos cristãos. De uma maneira geral, os Padres da Igreja, tanto os Latinos como os Gregos, seguiram o texto grego anterior às revisões de Teodociação, Áquila e Símaco, que tenderam a conformá-lo com o texto hebraico de então. A LXX foi sempre a autoridade nas Igrejas de expressão helénica ou que estão na sua órbita. Pelo contrário, Jerónimo tomou partido pela Bíblia hebraico-aramaica. No Prólogo à tradução latina de *Jeremias* a partir do hebraico, cerca de 390-392, escreve: «Além disso, corrigimos segundo a autoridade do original a ordem das visões, completamente alterada entre os Gregos e os Latinos»⁵. No comentário ao mesmo livro, cerca de 415-420, Jerónimo refere também o que julga serem as numerosas omissões do texto grego⁶. A tradução hieronímica, feita a partir do hebraico-aramaico, tornou-se a Vulgata no Ocidente. A partir do Renascimento, a Vulgata cedeu o lugar ao TM no estudo do Antigo Testamento, continuando assim fora de jogo o texto da LXX.

Uma das diferenças mais notáveis entre a LXX e o TM de *Jeremias*, já observada por Orígenes e Jerónimo, consiste no lugar que neles ocupam os «Oráculos contra as Nações», assim como na organização interna dessa colectânea. Esses oráculos estão no centro do livro na LXX (25,14-32,24); no fim no TM (46-51). As Nações visadas são as mesmas nos dois casos, mas a sua lista segue ordens diferentes.

A outra grande diferença entre a LXX e o TM, já assinalada por Jerónimo, reside na extensão dos dois textos. Há ainda entre ambos pequenas diferenças qualitativas. Por exemplo, em Jr 2,18, ao nome Guion (nascente de Jerusalém) da LXX corresponde Xihôr (Nilo) no TM. No entanto, as principais diferenças são quantitativas. Há palavras ou frases próprias à LXX, sem correspondência no TM, mas o inverso é muito mais frequente. De facto, o TM é cerca de um oitavo mais longo. Tem palavras, frases, parágrafos e até trechos bastante

⁴ ORIGÈNE, *Philocalie, 1-20 sur les Écritures et la Lettre à Africanus sur l'histoire de Suzanne* (Sources Chrétiennes, 302), Paris, Les Éditions du Cerf, 1983, pp. 530-531.

⁵ R. WEBER (ed.), *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem. II. Proverbia – Apocalypsis*, Stuttgart, Württembergische Bibelanstalt, 1969, p. 1166. Jerónimo refere-se à chamada *Vetus Latina*, a primeira tradução da Bíblia cristã – Antigo e Novo Testamento – feita a partir do grego.

⁶ S. REITER, *S. Hieronymi Presbyteri Opera. I. Opera exegetica. 3. In Hieremiam, Libri VI* (Corpus Christianorum Series Latina, 74), Turnout, Brepols, 1960, p. 1.

longos sem correspondência na LXX. As passagens mais extensas são JrTM 17,1-4; 29,16-20; 33,14-26; 39,4-13; 51,44b-49a; 52,27b-30. Algumas têm desempenhado um papel importante na reconstituição dos acontecimentos históricos. Outras têm um grande alcance religioso⁷.

Rompendo com a opinião tradicional, J. G. Eichhorn (1752-1827) concluiu que JrLXX e JrTM representam duas edições do livro feitas pelo próprio Jeremias, sendo JrLXX a mais antiga⁸. No decurso do século XIX, vários estudos tendiam a mostrar que, em muitos casos, JrTM é uma ampliação de JrLXX⁹. No entanto, a hipótese segundo a qual o texto hebraico usado pelo tradutor grego era idêntico ao TM continuou a ser dominante. As diferenças entre os dois textos dever-se-iam a acidentes na sua transmissão, à inépcia do tradutor ou à sua decisão de mudar o texto, em particular de o abreviar.

Os dados da questão mudaram nas últimas três décadas, graças em boa parte aos manuscritos de Qumran. Com efeito, vários fragmentos achados nas grutas 2 e 4 contêm partes do livro de Jeremias. Os especialistas divergem quanto ao número de manuscritos a que esses fragmentos pertencem: quatro para uns, seis para os outros. Segundo a reconstituição adoptada pela edição oficial, ter-se-iam encontrado em Qumran seis exemplares de *Jeremias*¹⁰.

Ora os manuscritos de Qumran documentam, em hebraico, uma forma curta e outra longa do livro de Jeremias. A primeira está

⁷ A título de exemplo, refiro Jr 7,1-15. Segundo uma interpretação corrente, o discurso teria como quadro uma «Liturgia/Instrução de entrada no santuário». Ora semelhante interpretação é natural no TM, mas sem fundamento na LXX. Pode ver-se a discussão de Francolino J. GONÇALVES, na recensão ao livro de Peter C. CRAIGIE †, Page H. KELLEY, Joel F. DRINKARD, Jr., *Jeremiah 1-25* (WBC, 26), Dallas, Texas, Word Books, 1991, in *Revue Biblique* 107 (2000) 107-109 (105-110).

⁸ Informação colhida em J. Gerald JANZEN, *Studies in the Text of Jeremiah* (HSM, 6), Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1973, p. 2.

⁹ Por exemplo, F. C. MOVERS, *De utriusque recensionis vaticiniorum Ieremiae, Graecae Alexandrinae et Hebraicae masorethicae, indole et origine commentatio critica*, Hamburg, Perthes, 1837; A. SCHOLZ, *Der masorethische Text un die LXX-Übersetzung des Buches Jeremias*, Regensburg, 1875.

¹⁰ M. BAILLET, «Textes bibliques», in M. BAILLET, J. T. MILIK et R. de VAUX (eds.), *Les 'petites grottes' de Qumran* (DJD, III), Oxford, Clarendon Press, 1962, pp. 62-69; Emanuel TOV, in E. ULRICH et al. (eds.), *Qumran Cave 4. X. The Prophets* (DJD, XV), Oxford, Clarendon Press, 1997, pp. 145-207; J. BROOKE, «The Book of Jeremiah and its Reception in the Qumran Scrolls», in A. H. W. CURTIS and T. RÖMER (eds.), *The Book of Jeremiah and its Reception. Le livre de Jérémie et sa réception* (BETL, 128), Leuven, University Press, 1997, pp. 184-187 (183-205).

representada por 4Q71 (4QJer^b)¹¹ e 4Q72a (4QJer^d); a segunda por 2Q12 (2QJer), 4Q70 (4QJer^a) e 4Q72 (4QJer^c). Os manuscritos de Qumran tornam assim pouco verosímil a hipótese corrente segundo a qual as diferenças entre a LXX e o TM se deveriam ao tradutor grego. É mais provável que exista uma continuidade entre as duas formas de *Jeremias* achadas em Qumran e as duas formas representadas pela LXX e pelo TM. Por outras palavras: o tradutor grego não abreviou o TM ou outro aparentado, mas limitou-se a traduzir um texto curto como o que existia em Qumran.

Os manuscritos de Qumran assentaram assim o estudo das relações entre as duas formas de *Jeremias* em novas bases, dando um grande impulso aos trabalhos sobre a história da formação do livro em geral. No estado actual das pesquisas, a história das últimas etapas da sua formação tem que passar forçosamente pela comparação entre as duas formas do livro representadas pela LXX e pelo TM¹².

A exclusão da hipótese tradicional que via em JrLXX uma tradução de JrTM não resolve a questão da relação entre eles, limitando-se a recuá-la para um momento anterior ao da versão do livro em grego. Apesar de haver entre eles diferenças importantes, os dois textos são fundamentalmente idênticos. Para explicar esses factos, existem, teoricamente, três possibilidades: ou uma das formas do livro depende da outra ou ambas derivam da mesma fonte, que não se conhece. As três hipóteses têm defensores. A última talvez seja a menos popular¹³. A hipótese da anterioridade do texto longo continua a ser adoptada por muitos exegetas¹⁴. No entanto, a maioria vê no texto longo uma edição revista e aumentada do texto curto. Embora não existam estudos exaustivos das diferenças entre

¹¹ Georg FISCHER, «Zum Text des Jeremiabuches», *Biblica* 78 (1997) 305-328, procura desacreditar o testemunho de 4Q71 (4QJer^b), mas as suas objecções não convenceram.

¹² Pierre-Maurice BOGAERT, «Le Livre de Jérémie en perspective: les deux rédactions antiques selon les travaux en cours», *Revue Biblique* 101 (1994) 363-406.

¹³ Por exemplo, Andrew G. SHEAD, *The Open Book and the Sealed Book. Jeremiah 32 in its Hebrew and Greek Recensions* (JSOTS, 347 – Hebrew Bible and its Versions, 3), London-New York, Sheffield Academic Press, 2002, sobretudo pp. 255-263.

¹⁴ Georg FISCHER, «Zum Text des Jeremiabuches» (n. 11); *Id.*, «Jeremiah 52: A Test Case for Jer LXX», in Bernard A. TAYLOR (ed.), *X Congress of the International Organization for Septuagint and Cognate Studies. Oslo 1998* (SBL. Septuagint and Cognate Studies Series, 51), Atlanta, Society of Biblical Literature, 2001, pp. 37-48; Arie VAN DER KOOIJ, «Jeremiah 27:5-15: How Do MT and LXX Relate to Each Other», *Journal of Northwest Semitic Languages* 20 (1994) 74-76 (59-78).

JrLXX e JrTM¹⁵, há já um grande número de estudos parciais, cujos resultados me parecem fundamentar a opinião actualmente maioritária, que o presente estudo tende a confirmar. A data das duas edições é discutida. Pondo Elam em primeiro lugar na lista das Nações (JrLXX 25,14-20), a LXX supõe a hegemonia persa¹⁶. Talvez remonte a meados do século V a.C. Pondo o Egipto em primeiro lugar (JrTM 46,1-28) e a Babilónia em último (JrTM 50,1-51,64) na lista das Nações, o TM parece revelar uma tendência anti-babilónica e pro-egípcia¹⁷. P.-M. Bogaert propõe datá-la cerca de 250 a.C.¹⁸ A. Schenker e A. Sérandour, entre outros, propõem datá-la cerca de 140 a.C.¹⁹.

Embora se situe dentro da vasta problemática que esbocei, o presente estudo tem um objecto restrito e um alvo muito modesto. Tratarei só de Baruc e de Jeremias, procurando ver se eles desempenham exactamente o mesmo papel em JrLXX e em JrTM ou se, pelo contrário, cada uma das formas do texto lhes atribui papéis sensivelmente diferentes. Analisarei primeiro os textos que põem em cena Baruc e Jeremias. Apesar de partir da hipótese de que JrLXX é anterior a JrTM, o estudo será essencialmente sincrónico, considerando os textos na forma que têm em cada uma das edições do livro. Como conclusão, esboçarei as imagens de Baruc e de Jeremias que ressaltam dos textos analisados, tendo também em conta o lugar que esses textos ocupam em JrLXX e em JrTM.

¹⁵ Os estudos que se estendem ao conjunto do livro são pouco aprofundados. É o caso de J. G. JANZEN, *Studies in the Text of Jeremiah* (n. 8); Hermann-Josef STIPP, *Das masoretische und alexandrinische Sondergut des Jeremiabuches. Textgeschichtlicher Rang, Eigenarten, Triebkräfte* (OBO, 136), Freiburg Schweiz, Universitätsverlag/Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.

¹⁶ Pierre-Maurice BOGAERT, «Vie et paroles de Jérémie selon Baruch». Le texte court de Jérémie (LXX) comme œuvre biographique», in E. BIANCHI *et al.* (eds.), *La Parola edifica la Comunità. Liber amicorum offerto al padre Jacques Dupont*, Magnano, Edizioni Qiqajon, 1996, p. 18, n. 7 (15-29).

¹⁷ Pierre-Maurice BOGAERT, «Vie et paroles de Jérémie selon Baruch» (n. 16), p. 24.

¹⁸ Pierre-Maurice BOGAERT, «Relecture et déplacement de l'oracle contre les Philistins. Pour une datation de la rédaction longue (TM) du livre de Jérémie», in *La vie de la Parole. De l'Ancien au Nouveau Testament. Études d'exégèse et d'herméneutique bibliques offertes à Pierre Grelot*, Paris, Desclée, 1987, pp. 139-150.

¹⁹ Adrian SCHENKER, «La rédaction longue du livre de Jérémie doit-elle être datée au temps des premiers Hasmonéens», *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 70 (1994) 281-293; Arnaud SÉRANDOUR, «Jr 33, 14-26 TM. Contribution pour dater la forme longue (TM) du livre de Jérémie», in A. CHEHWAN et A. KASSIS (eds.), *Études Bibliques et Proche-Orient ancien. Mélanges offertes au Père Paul Feghali* (Fédération Biblique, Subsidia, 1), Dekouaneh/Jounieh, 2002, pp. 247-261.

A ideia de tratar de um tema concernente às relações entre a LXX e o TM foi-me sugerida pela primeira recordação que tenho do Padre Carreira das Neves: a de uma conferência sobre a Bíblia dos Setenta que ele fez, no primeiro lustro da década de sessenta do século passado, no *Studium* dominicano em Fátima, onde eu cursava Teologia. Recordo-me de uma grande admiração perante muita ciência. Dez anos mais tarde, estava eu porventura em melhores condições para tirar proveito do livro *A Teologia da tradução grega dos Setenta no Livro de Isaías (cap. 24 de Isaías)*, que o homenageado publicou em 1973. Essa obra foi um contributo significativo num campo dos estudos bíblicos que entretanto se desenvolveu muito e adquiriu uma grande importância. É com muita honra e amizade que evoco os amores/labores da juventude – talvez os menos conhecidos – do P^e Carreira das Neves.

ANÁLISE DOS TEXTOS

Baruc filho de Nérias filho de Masseias entra em cena quatro vezes no livro de Jeremias. Aparece só na secção narrativa de JrLXX 39,1-51,35/JrTM 32-45. Vou passar revista aos quatro textos pertinentes, seguindo o fio dos relatos, que é o mesmo nas duas formas do livro.

1. Compra do campo de Hanameel em Anatot (JrLXX 39/JrTM 32)

Baruc aparece pela primeira vez no relato da compra do campo de Hanameel (JrLXX 39/JrTM 32), que é o primeiro da série dos episódios contados em JrLXX 39,1-51,35/JrTM 32-45. Os dois primeiros versículos datam o episódio do décimo ano do reinado de Sedecias e indicam as circunstâncias em que se encontram Jerusalém e Jeremias. Jerusalém está sitiada pelo exército babilónico, a quem Jeremias não duvida que Iavé vai entregar a cidade. Por seu lado, Jeremias está preso no pátio da guarda, situado no palácio real. Foi nessas circunstâncias que, por ordem de Iavé e a pedido do seu primo Hanameel filho de Salum, Jeremias lhe comprou o terreno que ele possuía em Anatot. No pedido, Hanameel invoca as leis relativas à preservação do património no seio da família (Lv 25,25-28)²⁰.

²⁰ O autor põe duas vezes na boca de Hanameel *g'e'ullâh* (resgate), que é um termo técnico no contexto.

Os vv. 6-15 contam que Jeremias redigiu o contrato de compra, assinou-o e fê-lo assinar por testemunhas. Finalmente, por ordem de Iavé, entregou-o, publicamente, a Baruc, a quem mandou metê-lo num vaso de argila para que se conservasse por muito tempo. Não obstante a obscuridade de alguns pormenores relativos aos instrumentos do contrato²¹, não há dúvida de que os vv.12-15 atribuem a Baruc um papel de arquivista, de notário, de procurador de Jeremias ou de tudo isso ao mesmo tempo²².

Segundo JrLXX 39,6-15/JrTM32,6-15, a compra do campo não é uma mera transacção comercial nem uma simples medida destinada a evitar a alienação do património familiar. É antes de mais uma acção simbólica, uma forma de linguagem (ou meta-linguagem) que o livro de Jeremias usa amiúde para expressar a mensagem de Iavé²³. É o que declara o v. 15: «Porque assim disse Iavé dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra» (cf. vv. 43-44). Este anúncio revela o verdadeiro sentido da compra do campo. Confere-lhe uma mais valia simbólica, transformando-a numa acção paradigmática, que antecipa o destino de Judá. É verdade que a conquista babilónica, iminente, vai interromper a actividade económica e social em Judá, mas, passado um tempo que se prevê longo, a vida retomarà o seu curso. A compra do campo torna-se assim uma espécie de primícias do que será o futuro de Judá, após ter passado a tormenta. Sendo o depositário dos instrumentos do contrato, Baruc é também o garante do cumprimento da promessa de recomeço que a transacção expressa.

Jeremias dá uma ordem a Baruc (v. 13), que está assim ao seu serviço ou, melhor dito, ao serviço da promessa divina contida na acção de Jeremias. Existem algumas diferenças entre JrLXX 39 e JrTM 32. A mais significativa para o nosso propósito é o facto de Jeremias receber o título de profeta em JrTM (v. 2), mas não em

²¹ Pierre-Maurice BOGAERT, «Les documents placés dans une jarre. Texte court et texte long de Jer 32 (LXX 39)», in G. DORIVAL et O. MUNNICH (eds.), «Selon les Septantes: Trente études sur la Bible grecque des Septante en Hommage à Marguerite Harl», Paris, Les Éditions du Cerf, 1995, pp. 69-72 (53-77); A. G. SHEAD, *The Open Book and the Sealed Book* (n. 13), pp. 114-124.

²² Pierre-Maurice BOGAERT, «Le personnage de Baruch et l'histoire du livre de Jérémie. Aux origines du livre deutérocanonique de Baruch», in Elizabeth A. LIVINGSTONE (ed.), *Studia Evangelica* 7 (TU 126), Berlin, Akademica Verlag, 1982, p. 74 (73-81).

²³ Jr 1,11-14; 13,1-11; 18,1-12; 19, 1-15; JrLXX 34-35/JrTM 27-28.

JrLXX. No entanto, ele é sujeito do verbo profetizar nos dois (v. 3). Mínimas, as diferenças entre os dois textos não alteram as imagens de Baruc e de Jeremias nem a apresentação das relações entre eles.

2. A escrita dos dois rolos (JrLXX 43/JrTM 36)

Baruc intervém pela segunda vez aquando da escrita das palavras de Jeremias (JrLXX 43/JrTM36). Os episódios são datados do quarto e do quinto ano de Joaquim (vv. 1.9). A escrita dos rolos, embora seja relatada depois da compra do campo, teria tido lugar entre 17 e 16 anos antes. Os dois episódios estariam separados por 7 ou 6 anos dos 11 que durou o reinado de Joaquim (2 R 23,36), pelos três meses do reinado de Joiaquin (2 R 24,8) e por 10 anos do reinado de Sedecias ((JrLXX 39,1/JrTM 32,1).

Iavé ordena a Jeremias que tome um «rolo de livro»²⁴ e escreva nele todas as palavras que lhe dirigiu a respeito de Israel, de Judá e de todas as nações (v. 2). Iavé propunha-se com isso levar a casa de Judá a tomar consciência do mal que tencionava fazer-lhe, de modo a que ela se convertesse, obtivesse o perdão e, em última análise, evitasse a desgraça (v. 3; cf. também vv. 7 e 16). «Jeremias chamou, então, Baruc filho de Nérias. Baruc escreveu num “rolo de livro”, conforme o ditado de Jeremias, todas as palavras que Iavé lhe dirigira» (v. 4). Por ordem de Jeremias, que estava impedido de ir ao Templo²⁵, Baruc vai lá e lê o livro ao povo (vv. 5-10). Informados por Miqueias filho de Guemarias filho de Safan, os altos funcionários convocam Baruc para que também lhes leia o rolo. O que ele faz (vv. 11-15). Apavorados com as ameaças contidas no livro, os altos funcionários pedem explicações a Baruc, o qual lhes conta como escreveu o livro sob o ditado de Jeremias (vv. 16-18). Os altos funcionários mandam Baruc esconder-se, juntamente com Jeremias

²⁴ O relato designa o objecto de três maneiras diferentes: o nome composto *m^egillat séfêr*, literalmente «um rolo de livro» (vv. 2 e 4) ou só um desses elementos, isto é, rolo (vv. 6.14.14.20.21.23.25.27.28.28.29 e 32) ou livro (vv. 8.10.11.13 e 32). É possível que isso seja indício da existência de duas variantes do relato na base do texto actual. Hermann-Josef STIPP, «Baruchs Erben. Die Schriftprophetie im Spiegel von Jer 36», in Hubert IRSIGLER (ed.), »Wer darf hinaufsteigen zum Berg JHWHS?« *Beiträge zur Prophetie und Poesie des Alten Testaments. Festschrift für Sigurdur Örn Steingrímsson* (ATSAT, 72), Erzabtei St. Otilien, EOS Verlag, 2002, pp. 160-161 (145-170).

²⁵ O texto não dá a razão do impedimento. Veja-se a discussão de William MCKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah. Vol. II. Commentary on Jeremiah XXVI-LII*, Edinburgh, T & T Clark, 1996, pp. 901-902.

(v. 19). Informado sobre o sucedido, o rei manda buscar o rolo, queima-o e ordena, em vão, a prisão de Baruc e de Jeremias (vv. 20-26). Iavé manda então a Jeremias tomar outro rolo e escrever nele todas as palavras que constavam no primeiro. Tendo queimado o rolo, Joaquim tornou-se o primeiro alvo da desgraça. Seguem-se os seus funcionários, os habitantes de Jerusalém e a população de Judá. Já não se encara a possibilidade de evitar a desgraça mediante a conversão, que o rei recusou ao destruir o rolo (vv. 27-31). O relato termina com a escrita no novo rolo de todas as palavras do livro anterior, às quais se acrescentaram muitas mais do mesmo teor (v. 32).

Nas duas formas do texto, Baruc é, ao mesmo tempo, uma espécie de secretário, de *alter ego* de Jeremias e de depositário da sua mensagem. Há pequenas diferenças entre os dois textos que afectam a imagem de ambos. É o caso da razão pela qual eles não foram presos (v. 26). Ambos os textos supõem que Baruc e Jeremias estão escondidos, mas divergem quanto à iniciativa que promove tal facto. Enquanto que JrLXX, em conformidade com o conselho dado pelos altos funcionários a Baruc (v. 19), o atribui, prosaicamente, aos interessados («mas eles tinham-se escondido», *kai katekrúbêsan*), JrTM atribui-o, mais dignamente, a Iavé («mas Iavé os escondera», *wayyastirém YHWH*). JrTM insiste assim na protecção divina de que Baruc e Jeremias são objecto e, por conseguinte, aureola-os. Sendo a tendência nestes casos não diminuir a acção divina nem rebaixar os heróis humanos, mas, pelo contrário, engrandecer uma e exaltar os outros, JrLXX deve dar uma versão dos «acontecimentos» anterior à de JrTM. O retoque do v. 26 talvez não seja o único que revela a tendência de JrTM 36 para tornar o relato mais sublime e edificante²⁶.

Há outras diferenças entre a LXX e o TM que, apesar de serem pequenas, alteram ligeiramente as imagens de Jeremias e Baruc, bem como o teor das relações entre ambos.

a. *Jeremias, «o profeta», e Baruc, «o escriba».*

Uma diferença óbvia entre os dois textos reside na apresentação de Jeremias e Baruc. Enquanto que JrLXX 43 deixa ambos sem qualquer título, JrTM 36 dá um título duas vezes a cada um deles: o de profeta (*nâbí'*) a Jeremias (vv. 8 e 26) e o de escriba (*sofér*) a

²⁶ William MCKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 904-909, pensa discernir outros retoques do mesmo teor nos vv. 16 e 25.

Baruc (vv. 26 e 32). Em JrTM 36,26 os dois títulos estão em simetria. É sabido que a distribuição generosa de títulos às personagens do livro é uma das características de JrTM. O primeiro beneficiário é o próprio Jeremias, que recebe 31x o título de profeta em JrTM. Como vimos, Jeremias recebe esse título em JrTM 32,2, mas não no seu correspondente, em JrLXX 39,2. De facto, a atribuição do título de profeta a Jeremias não é exclusiva de JrTM. Está também documentada em JrLXX, mas muito menos amiúde, isto é, só 4 vezes²⁷. Por seu lado, Baruc não recebe nenhum título em JrLXX. Curiosamente, o próprio JrTM não se mostra muito generoso com ele, pois só no capítulo 36 (vv. 8 e 22) o contempla com um título: «o escriba».

Embora haja informações bíblicas e extra-bíblicas sobre os escribas, não é fácil saber qual é o alcance exacto do título de escriba dado a Baruc. Daí que haja uma pluralidade de opiniões sobre a questão. A dificuldade vem do facto de que se conhecem muito mal os órgãos de governo e a máquina administrativa do reino de Judá. O substantivo *sofér* é frequente no livro de Jeremias, onde se encontram 12 das suas 54 ocorrências no TM. Traduzindo também outros termos, o equivalente grego *grammateús* é muito mais frequente no Antigo Testamento em geral, mas menos frequente no livro de Jeremias em particular, onde se lê só 8 vezes. Excepto em 8,8, onde o plural se refere aos intérpretes da Lei, o livro de Jeremias usa o termo no singular. Fora Jr 52,25 (cf. 2 R 25, 19), todas as ocorrências se concentram em dois capítulos. A maioria encontra-se em JrLXX 43/JrTM 36: quatro no grego²⁸ e 8 no hebraico correspondente²⁹. Os dois restantes empregos situam-se no capítulo seguinte: JrLXX 44,15.20/JrTM 37,15.20. Em JrLXX 43,23/JrTM 36,23, os termos fazem parte dos sintagmas *ta'ar hassofér/tò xurón tou grammateôs* (navalha/lâmina de escriba), que designam um utensílio do escriba, no sentido fundamental do termo.

A. Millard insiste que a palavra escriba conota antes de mais a ideia de uma arte ou de uma profissão, que era apanágio das classes superiores da sociedade³⁰. No entanto, supõe-se geralmente que a

²⁷ JrLXX 28,59; 49,2; 50,6 e 51,31/JrTM 51,59; 42,2; 43,6 e 45,1. JrLXX não tem nenhuma atribuição própria do título de profeta a Jeremias.

²⁸ JrLXX 43,10.12.12.23.

²⁹ JrTM 36,10.12.12.20.21.23.26.32.

³⁰ Alan MILLARD, «Owners and Users of Hebrew Seals», *Eretz Israel* 26 (1999) 129*-133*.

palavra escriba tem um leque de sentidos bastante vasto. Limitar-me-ei à época da monarquia judaica. Segundo a opinião corrente, numa boa parte dos casos então documentados, a palavra escriba teria um sentido técnico. Designaria a pessoa com a função e o cargo mais elevados na administração real. O escriba seria uma espécie de secretário de Estado (chefe do governo). Entre as personagens mencionadas em JrLXX 43/JrTM 36, admite-se, geralmente, que tal era o caso de Elisamá e de Safan: o primeiro seria então o titular do cargo³¹; o segundo tê-lo-ia sido no reinado de Josias³². Poderia ser também o caso de Guemarias³³. Poderia ser igualmente a função do Jónatas mencionado em JrLXX 44,15.20/JrTM 37,15.20

É também opinião comum que o título de escriba se aplicava a um círculo de funcionários mais vasto, nomeadamente aos colaboradores do que poderia chamar-se o «escriba-mor»³⁴. Alguns autores entendem o título de Baruc nesse sentido e vêem no seu portador um funcionário ou um ex-funcionário real³⁵. A. Lemaire sugere que Baruc pertenceria a outra categoria de escribas, cuja relação com a administração real é incerta. Esses escribas exerceriam as funções de notários e de redactores ou copistas de textos religiosos, políticos ou literários. A. Lemaire aduz só o testemunho de JrTM 32 – texto que não dá a Baruc nenhum título – e JrTM 36, 26.32. De facto, ele toma Baruc como modelo e, generalizando as actividades que os textos de *Jeremias* lhe atribuem, vê nelas as funções de uma categoria particular de escribas³⁶. A sua construção tem um fundamento muito exíguo – unicamente o TM de um só dos

³¹ JrLXX 43,12/JrTM 36,12.20.21. Elisamá recebe o título 3x no texto hebraico, só 1x no grego. JrTM 36,20 e 21 referem o gabinete (sala) de Elisamá, o escriba. Em JrLXX 43,20 e 21 lê-se a «casa de Elisama».

³² 2 R 22,3.8.9.10.12; 2 Cr 34,15.18.20.

³³ Em JrTM 36,10, lê-se: «Guemarias filho de Safan, o escriba». Do ponto de vista gramatical, o título «o escriba» deve qualificar Guemarias, não Safan, pois «Guemarias filho de Safan» é o nome completo de Guemarias. *A Bíblia Sagrada, para o terceiro milénio da Encarnação*, Lisboa/Fátima, 4.^a ed., Difusora Bíblica, 2003, adopta essa compreensão do texto. No entanto, a esmagadora maioria refere o título a Safan, só porque pensa que o escriba era então Elisamá e que não podia haver simultaneamente duas pessoas com essa função.

³⁴ Em Jr 52,25 (cf. 2 R 25,19), o escriba parece ocupar-se do recrutamento para o exército.

³⁵ Por exemplo, Nahman AVIGAD, *Hebrew Bullae from the Time of Jeremiah. Remnants of a Burnt Archive*, Jerusalem, Israel Exploration Society, 1986, p. 130.

³⁶ André LEMAIRE, «Scribes. I. Proche-Orient Ancien. II. Ancien Testament, Ancien Israël», in *Dictionnaire de la Bible. Supplément*, XII, Paris, Letouzey et Ané, 1996, cc. 253-256 (243-266).

quatro capítulos de *Jeremias* que tratam de Baruc – e assenta num raciocínio que não está longe da petição de princípio. Para outros, por fim, o título de Baruc refere-se só à sua função de secretário de Jeremias³⁷. Esses autores não aduzem, no entanto, nenhuma prova de que o secretário de uma pessoa privada podia, de facto, receber o título de escriba.

Quer Baruc tenha sido ou não escriba de profissão ou, precisamente, um funcionário real assim apelidado, por que razão só JrTM lhe terá dado esse título e o faz precisamente no cap. 36? Relativamente à segunda parte da pergunta, sugiro duas respostas possíveis, que, longe de se excluírem, podem completar-se. Dado o papel que Baruc desempenha na escrita dos rolos, é natural que o narrador lhe chame escriba no sentido fundamental (etimológico) do termo. O narrador quererá também pôr Baruc num pé de igualdade com os altos funcionários reais que intervêm no episódio relatado, pelo menos um dos quais tem o título de escriba, como sugere P.-M. Bogaert? Dando o título de escriba a Baruc, o narrador punha a autoridade de alto funcionário real com que o revestia ao serviço da conservação e da transmissão da mensagem de Jeremias³⁸. Sendo as razões referidas tão válidas no caso de JrLXX como de JrTM, porque é que só este deu a Baruc o título de escriba? A única sugestão que me ocorre é a sua tendência característica para outorgar títulos às personagens. De facto, JrTM foi muito sóbrio em relação a Baruc.

Do ponto de vista histórico-crítico, o mais natural seria, por conseguinte, concluir que o título de escriba dado a Baruc foi uma criação *ad hoc* de um editor de JrTM 36. No v. 32, o título faz parte de um acrescento mais vasto, que voltaremos a referir. No v. 26, o acrescento do título de Baruc (escriba) corresponde ao acrescento do título de Jeremias (profeta). Não se vislumbra por que razão um editor ou um tradutor de JrLXX 43 teria suprimido o título de Baruc. O mesmo vale para o título de Jeremias.

A discussão sobre o título de Baruc acabaria aqui não fora a impressão do selo de um tal *brkyhw bn nryhw hspr* («Berequiyahu

³⁷ Pierre BORDREUIL, «Sceaux inscrits des Pays du Levant», in *Dictionnaire de la Bible. Supplément*, XII, Paris, Letouzey et Ané, 1996, cc. 187-188 (86-211); William McKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 903-904.

³⁸ Pierre-Maurice BOGAERT, «De Baruch à Jérémie. Les deux rédactions conservées du livre de Jérémie», in P.-M. BOGAERT (ed.), *Le livre de Jérémie. Le prophète et son milieu. Les oracles et leur transmission* (BETL, 54), Leuven, University Press, 1981 (21997), pp. 170-171 (168-173).

filho de Neriyahu, o escriba»), publicada há um pouco mais de um quarto de século. Embora a origem da inscrição seja desconhecida, N. Avigad, que a publicou, não duvidou da sua autenticidade nem hesitou em identificar o proprietário do selo com o Baruc (diminutivo de Berequiyahu) do livro de Jeremias³⁹. Sobre esses dois pontos, a opinião de N. Avigad é aceite por todos os autores, que vêem na dita inscrição a confirmação da historicidade não só da personagem de Baruc, mas também do título que JrTM 36,26.32 lhe dá. Na verdade, os epigrafistas que trataram desta questão – e até muitos exegetas – desconhecem a fragilidade do testemunho de JrTM 36,26.32 como documento histórico sobre o título de Baruc.

Sem qualquer pretensão de dirimir a questão da historicidade do título dado por JrTM 36,26.32 a Baruc, limito-me a recordar as precauções que se impõem. Em princípio, só está garantida a autenticidade de um objecto que foi achado num sítio arqueológico, no quadro de uma escavação que permita situá-lo estratigraficamente e, por conseguinte, datá-lo. O que se diz de qualquer objecto vale em boa parte para as inscrições. A autenticidade de uma inscrição de proveniência desconhecida é *a priori* suspeita⁴⁰. O escândalo das inscrições declaradas falsas nos últimos dois anos só pode reforçar a vigilância na matéria⁴¹. Admitamos que a inscrição de «Berequiyahu filho de Neriyahu, o escriba» é autêntica e data de fins do século VII ou começos do século VI a.C. Só por si, isso não permite ter a certeza absoluta de que o titular do selo e o Baruc do livro de Jeremias são a mesma pessoa. Como hoje, então existiam

³⁹ Nahman AVIGAD, «Baruch the Scribe and Jerahmeel the King's Son», *Israel Exploration Journal* 28 (1978) 52-56, pl. 15. O autor retomou várias vezes o assunto. Assinalo só a última: N. AVIGAD, B. SASS, *Corpus of West Semitic Stamp Seals*, Jerusalem, Israel Academy of Sciences and Humanities/Israel Exploration Society, 1997, n.º 417.

⁴⁰ Veja-se o estudo pormenorizado de Christopher A. ROLLSTON, «Non-Provenanced Epigraphs I: Pillaged Antiquities, Northwest Semitic Forgeries, and Protocols for Laboratory Tests», *MAARAV* 10 (2003) 135-193; ID., «Non-Provenanced Epigraphs II: The Status of Non-Provenanced Epigraphs within the Broader Corpus of Northwest Semitic», *MAARAV* 11 (2004) 57-79.

⁴¹ Refiro-me às chamadas inscrições do «ossuário de Santiago, filho de José, irmão de Jesus», do «rei Joás» e da «tâmara do ceptro do sumo sacerdote». As duas primeiras são objecto de um processo actualmente em tribunal em que são arguidos dois coleccionadores, um epigrafista, um negociante de antiguidades e o antigo chefe do laboratório das antiguidades no Museu de Israel (Jerusalém). Cf. «Court delays trial of major antiquities-forgery ring», *Haaretz*, May 18, 2005, p. 4 (citando *The Associated Press*).

homónimos⁴². Pode ainda acrescentar-se: a certeza absoluta de que o Berequiyahu da inscrição e Baruc são a mesma pessoa confirmaria a historicidade deste, mas não a do papel que o livro de Jeremias lhe atribui⁴³.

b. *Um pouco mais de iniciativa de Baruc em JrLXX 43 do que em JrTM 36*

JrTM 36 sublinha mais do que JrLXX 43 a dependência de Baruc em relação a Jeremias. Com efeito, enquanto que JrTM 36 assinala 6x o facto de que Baruc escreve sob o ditado de Jeremias (vv. 4,6,17,18,27 e 32), JrLXX 43 só o faz 4x (vv. 4,18,27 e 32). Nesse sentido, a diferença mais significativa situa-se no v. 32. O TM reza assim: «E Jeremias tomou outro rolo e entregou-o a Baruc filho de Nérias, o escriba, que nele escreveu...». Em contrapartida, na LXX lê-se: «E Baruc tomou outro rolo e escreveu nele...». No TM, a iniciativa de todo o processo que levou à escrita do novo rolo cabe exclusivamente a Jeremias: é ele que toma o rolo, o entrega a Baruc e lhe dita o que ele deve escrever. Embora também informe que Baruc escreveu sob o ditado de Jeremias, a LXX atribui a acção de tomar o rolo não a Jeremias, mas ao próprio Baruc, que tem assim alguma iniciativa na escrita do novo rolo⁴⁴.

3. Fuga para o Egipto (JrLXX 50,1-7/JrTM 43,1-7)

Baruc volta a aparecer em JrLXX 50,1-7/JrTM 43,1-7. Esses versículos concluem os relatos sobre a fuga para o Egipto. Temendo as represálias babilónicas por causa do assassinio de Godolias, Joanan filho de Caré, os demais chefes e todo o povo puseram-se a caminho do Egipto. Fizeram uma etapa perto de Belém (JrLXX 48,16-18/JrTM 41,16-18). Os chefes e todo o povo pediram então a

⁴² Por exemplo, o livro de Jeremias menciona aparentemente quatro pessoas chamadas Seraías: Seraías filho de Azeriel (JrLXX 43,26/JrTM 36,26); Seraías filho de Tanumet/Tanaemet (JrTM 40,8/JrLXX 47,8; 2 R 25,23); Seraías filho de Nérias filho de Masseias – irmão de Baruc (JrLXX 28,59.61/JrTM 51,59.61); Seraías, sumo sacerdote (JrTM 52,24; 2 R 25,18).

⁴³ Bob BECKING, «Inscribed Seals as Evidence for Biblical Israel? Jeremiah 40.7-41.15 *par Exemple*», in L. L. GRABBE (ed.), *Can a 'History of Israel' Be Written?* (JSOTS, 245 – European Seminar in Historical Methodology, 1), Sheffield, Sheffield Academic Press, 1997, pp. 73-83 (65-83). Embora o autor trate de outras personagens do livro de Jeremias, as suas observações valem também para Baruc.

⁴⁴ Pierre-Maurice BOGAERT, «De Baruch à Jérémie» (n. 38), p. 171.

Jeremias que consultasse Iavé sobre a marcha a seguir, jurando que fariam o que Iavé lhes mandasse (JrLXX 49,1-6/JrTM 42,1-6). Ao cabo de dez dias, Iavé deu as suas instruções a Jeremias, que as comunicou aos interessados. Resumem-se na seguinte alternativa: Se o povo ficar em Judá sob a autoridade do rei da Babilónia, Iavé o fará prosperar; caso contrário, se levar avante a ideia de ir a viver para o Egípto, será exterminado lá (JrLXX 49,7-22/JrTM 42,7-22). Em vez de executar a ordem que Iavé lhes dava, como tinham jurado fazer, os chefes negam-se a reconhecer que ela seja de autoria divina. O relato termina, pois, com a ida do povo para o Egípto, qualificada como uma desobediência a Iavé. «Desobedecendo, assim, a Iavé, partiram para o Egípto e chegaram a Táfnis.» (JrLXX 50,7/JrTM 43,7)⁴⁵.

JrLXX 49-50/JrTM 42-43 comporta três imagens de Jeremias e duas de Baruc. Duas imagens de Jeremias são esboçadas pelo narrador e a outra pelos chefes do povo. As imagens de Baruc são esboçadas uma pelos chefes e a outra pelo narrador.

A. Imagens de Jeremias e de Baruc esboçadas pelo narrador (JrLXX 49-50/JrTM 42-43)

O narrador esboça duas imagens de Jeremias diferentes. Segundo uma delas – a que ocupa mais espaço – Jeremias é o profeta a quem se recorre para consultar Iavé. Segundo a outra, Jeremias é uma pessoa privada de liberdade, à mercê dos chefes, como a restante população de Judá que escapara ao exílio e à morte.

a. Jeremias profeta/intercessor (JrLXX 49 /JrTM 42)

JrTM 42,1-2 reza assim: «Então, todos os oficiais e Joanan filho de Caré, Jazaniais filho de Osaías e o resto do povo, desde o maior ao mais pequeno, foram dizer a Jeremias, o profeta: “Que a nossa súplica te seja aceitável e roga por nós a Iavé, teu Deus, por todo este resto, porque de muitos que éramos restámos poucos, como tu mesmo vês.”» O imperativo «roga» traduz o hebraico *hitpalél*. Esse verbo significa «rezar, orar, rogar», podendo referir-se aos diferentes géneros de oração: súplica, lamentação e acção de graças. O verbo é amiúde modificado, como no presente texto, pela prepo-

⁴⁵ O relato insiste na desobediência do povo a Iavé (literalmente, «não escutar a voz de Iavé»); JrLXX 49,21/JrTM 42,21; JrLXX 50,4.7/JrTM 43,4.7.

sição *ba'ad* («a favor de, por»). O sintagma *hitpalél ba'ad*, «rezar/rogar por, a favor de» conota a ideia de intercessão. É usado várias vezes no livro de Jeremias com esse sentido. Na maioria dos casos tem Jeremias como sujeito e expressa a proibição de interceder a favor do povo que Iavé lhe impõe⁴⁶. Sendo Jeremias um poderoso intercessor junto de Iavé, capaz de o levar a restabelecer relações com Judá, a renunciar ao mal que decidira fazer-lhe ou a conceder-lhe tal ou tal benefício (Jr 18,20)⁴⁷, proibir a Jeremias o exercício dessa função era um terrível castigo.

No entanto, a intercessão que o povo pede a Jeremias, em JrLXX 49/JrTM 42, não se destina a levar Iavé a poupar-lhe um castigo ou um infortúnio. É verdade que o povo busca um favor, mas esse favor consiste em que Iavé lhe diga o que deve fazer. «Que Iavé, o teu Deus, nos indique o caminho que devemos seguir e o que devemos fazer» (v. 3). A formulação do assentimento de Jeremias prossegue na mesma linha: «Jeremias, o profeta⁴⁸, disse-lhes: “Eu ouvi! Eis que vou rogar por vós a Iavé, vosso Deus, segundo as vossas palavras. Tudo o que Iavé vos responder (*'ânâh*) eu vo-lo comunicarei; nada vos esconderei”» (v. 4). Ao rogo de Jeremias corresponde a resposta de Iavé ao povo. O verbo responder expressa a acção de Iavé no contexto da sua consulta⁴⁹. O compromisso que o povo assume, sob juramento, está formulado em termos semelhantes: «... Que Iavé seja testemunha fiel e verdadeira contra nós, se não fizermos tudo o que Iavé, teu Deus, te mandar dizer-nos!» (v. 5). No final do relato, o v. 20 reitera as mesmas ideias, nos mesmos termos: «Enganastes-vos a vós mesmos quando me enviastes a Iavé, vosso Deus, dizendo: “Roga por nós a Iavé, nosso Deus. Tudo o que Iavé, nosso Deus, disser, anuncia-no-lo e nós o faremos”». Numa palavra, o povo limita-se a consultar Iavé para receber dele instruções sobre o caminho a seguir. Mas, ao passo que na maioria dos casos as ditas instruções parecem ser um direito, em JrLXX 49/JrTM 42, elas são um favor que Judá pede e obtem, graças à intercessão do profeta Jeremias⁵⁰.

⁴⁶ Jr 7,16; 11,14 e 14,11. Em JrLXX 36,7/JrTM 29,7, Jeremias exorta os deportados a rezar a Iavé pela (interceder junto de Iavé pela) Babilónia, para que ela goze de prosperidade.

⁴⁷ A tradição fará de Jeremias um intercessor celeste (2 Mac 15,12-16).

⁴⁸ O título de profeta não se lê em JrLXX 49,4.

⁴⁹ 1 S 14,37; 28,6.15; Mi 3,7.

⁵⁰ Acontece o mesmo em JrLXX 44,3-10/JrTM 37,3-10.

Segundo JrLXX 49/JrTM 42, Jeremias é um profeta. Goza por isso de uma relação especial com Iavé. A esse título, é intermediário entre Iavé e Judá. No sentido ascendente, comunica a Iavé as questões de Judá. No sentido descendente, comunica a Judá as respostas de Iavé. No entanto, Jeremias é mais do que um simples correio. Está pessoalmente implicado na diligência que faz junto de Iavé em nome do povo. Mais ainda, ele está qualificado para influenciar a decisão de Iavé, levando-o, concretamente, a dar as orientações que Judá lhe pede por seu intermédio⁵¹.

b. Jeremias e Baruc à mercê dos chefes do povo.

Em JrLXX 50,6-7/JrTM 43,6-7, o narrador pinta uma imagem de Jeremias diferente da que dá no resto do relato da fuga para o Egito. Esses versículos contam que o profeta Jeremias faz parte do povo que Joanan e os demais chefes militares levam para o Egito. Na lógica do relato, Jeremias só pode ir para o Egito contra a sua vontade. A ida para o Egito é, precisamente, o fruto da desobediência dos chefes a uma ordem que Iavé lhes comunicara por meio do próprio Jeremias. Embora seja à força, Jeremias vai assim para o lugar do extermínio do povo. O Jeremias de JrLXX 50,6-7/JrTM 43,6-7 não tem qualquer iniciativa, estando inteiramente à mercê dos chefes, que são movidos pelo medo dos Babilônios. Sob esse ponto de vista, o destino de Jeremias não é diferente do dos vários sectores da população mencionados pelo texto. O que torna trágica esta figura é o contraste que existe entre ela e a outra figura de Jeremias, profeta e poderoso intercessor, também presente no relato.

B. *Imagens esboçadas pelos chefes: Jeremias um impostor manipulado por Baruc (JrLXX 50,1-3/JrTM 43,1-3)*

«Quando Jeremias acabou de dizer a todo o povo todas as palavras de Iavé, seu Deus – todas essas palavras que Iavé, seu Deus, lhes enviou –, Azarias filho de Osaías, Joanan filho de Caré e todos os homens insolentes⁵² disseram a Jeremias: “É mentira o que dizes! Iavé, nosso Deus, não te enviou a dizer-nos: ‘Não entreis no Egito para habitardes lá.’ Mas é Baruc filho de Nérias que te

⁵¹ JrTM 27,18 define o profeta pela intercessão.

⁵² O qualificativo «insolentes/arrogantes» (*zédîm*) é próprio ao TM, não tendo correspondência na LXX.

instiga contra nós, a fim de nos entregar nas mãos dos caldeus para nos matar ou nos deportar para a Babilónia.”».

Segundo este texto, Jeremias não passa de um impostor. Diz transmitir uma ordem de Iavé cujo cumprimento garantiria a prosperidade, mas, de facto, transmite os planos que Baruc concebeu para a perdição do povo. Os chefes subvertem assim tanto as imagens de Jeremias e de Baruc predominantes como a apresentação habitual das relações entre ambos.

A mentira é um tema muito frequente e importante no livro de Jeremias, onde se concentram 36 das 111 ocorrências do termo *šèqèr* no TM⁵³. O livro acusa amiúde de mentira os adversários do seu titular: o povo em geral (9,4), os escribas (8,8), Jerias, chefe da guarda na Porta de Benjamim (JrLXX 44,13-14/JrTM 37,13-14), e sobretudo os profetas⁵⁴ ou outras pessoas que profetizam: Pacheur, o chefe da guarda do templo (20,6), assim como Acab filho de Colaías (JrLXX 36,21/JrTM 29,21). Numa inversão de papéis, que só pode ser irónica da parte do autor, os chefes dirigem a Jeremias a acusação que ele faz aos seus rivais, sobretudo aos seus concorrentes directos, isto é, os profetas e outras pessoas que pretendem falar em nome de Iavé. A este respeito, a diferença mais significativa entre Jeremias e os seus rivais reside na origem da mentira. Com efeito, Jeremias acusa os rivais de porem na boca de Iavé as suas próprias fantasias. «Mas Iavé disse-me: “os (esses) profetas profetizam mentirosamente em meu nome: não os envie, não lhes dei ordens, não lhes falei. Visões mentirosas, adivinhações vãs, fantasias e enganos do seu coração, eis o que eles vos profetizam!”» (Jr 14,14; cf. 23,25-26). Pelo contrário, os chefes acusam Jeremias de tentar fazer passar por ordens de Iavé não as suas próprias elucubrações, mas, sim, os planos de Baruc. Esta acusação representa mais uma subversão, concretamente, a das relações entre Jeremias e Baruc tais como as apresentam as outras passagens do livro. Em vez de estar ao serviço de Jeremias para o bem do povo, Baruc instrumentalizaria Jeremias para a desgraça do povo.

Para o narrador, o quadro que os chefes pintam de Jeremias, de Baruc e da relação entre ambos é obviamente falso. Jeremias não é mentiroso. Pelo contrário, mentirosos são os chefes que o acusam de mentira. O TM sublinha essa avaliação negativa dos

⁵³ Seguem-se o *Saltério* e os *Provérbios*, respectivamente com 22 e 20 empregos dessa palavra.

⁵⁴ 14,14; 23,25,26,32; JrLXX 35,15/JrTM 28,15.

chefes. Existem várias diferenças entre JrLXX 50,1-7 e JrTM 43,1-7. De um modo geral o segundo é mais longo do que o primeiro⁵⁵. A diferença mais significativa, para o nosso propósito, consiste no adjetivo «insolentes/arrogantes» (*zēydîm*) que qualifica homens no v. 2 do TM. Esse qualificativo não tem correspondente na LXX. Não se vislumbra qualquer razão para a sua supressão pelo tradutor grego. É mais provável que tenha sido acrescentado no TM. Qualificando os homens de insolentes/arrogantes, o autor do acréscimo revela a fonte e a razão da mentira. Esta é a expressão da arrogância, uma maldade radical que caracteriza os detractores de Jeremias e de Baruc⁵⁶.

Os chefes declaram que Baruc manipula Jeremias e o põe ao serviço de um plano de liquidação do povo. É óbvio que, aos olhos do narrador, o que os chefes dizem nem é sequer uma caricatura de Baruc, pois é o invés da realidade, em toda a linha. A ordem que Jeremias comunica não vem de Baruc, mas de Iavé. O seu objectivo é a prosperidade, não a ruína do povo. Jeremias não está de modo algum ao serviço de Baruc. Pelo contrário, é Baruc que está ao serviço de Jeremias. Melhor dito: Baruc está ao serviço da palavra que Iavé comunica ao povo por meio de Jeremias.

JrLXX 50,6/JrTM 43,6 é porventura o texto onde o narrador pinta a imagem mais apagada de Baruc, simples companheiro de Jeremias que não esboça um gesto. Como Jeremias, Baruc está à mercê dos chefes, que o levam para o Egipto.

4. Baruc salvo para preservar o livro de Jeremias (JrLXX 51,31-35/JrTM 45,1-5)

«Palavra que Jeremias, o profeta, disse a Baruc filho de Nérias, quando escreveu estas palavras num livro, sob o ditado de Jeremias, no quarto ano do reinado de Joaquim filho de Josias, rei de Judá:

⁵⁵ Johann COOK, «The Difference in the order of the Books of the Hebrew and Greek versions of Jeremiah – Jeremiah 43 (50): a case study», *Old Testament Essays* 7 (1994) 175-192.

⁵⁶ Ao escrever que «o narrador não confirma nem infirma» as acusações dos chefes contra Baruc, Elena di Peđe não tem em conta que, no TM – o único que ela estuda – ele os desqualifica de antemão; «Jérusalem, 'Ebed-Melek et Baruch. Enquête narrative sur le déplacement chronologique de Jr 45», *Revue Biblique* 111 (2004) 74 (61-77). A exegeta reconhece o facto noutra artigo, Elena DI PEĐE, «Le refus de l'espoir: L'intrigue de Jr 32-45», *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 80 (2004) 389 (373-401).

Assim diz Iavé, Deus de Israel⁵⁷, a teu respeito, Baruc: “Tu exclamas: ‘Ai de mim! Pois Iavé acrescenta aflição à minha dor. Estou cansado de gemer e não encontro descanso!’ Assim lhe dirás: Assim diz Iavé: ‘O que Eu tinha construído, Eu o destruo e o que tinha plantado, Eu o arranco; e isto em toda a terra’⁵⁸. E tu, pedes para ti grandes coisas! Não as peças, porque eis que vou fazer vir a desgraça sobre toda a carne – oráculo de Iavé. Mas dar-te-ei a vida, como despojo, em todos os lugares para onde fores”».

O trecho tem a forma de uma lamentação. Começa com a introdução, continua com a lamentação, posta na boca de Baruc, e termina com a resposta de Iavé. O narrador informa, primeiro, que Iavé se dirigiu a Baruc quando ele escreveu num livro «estas palavras», sob o ditado de Jeremias. Depois data esses acontecimentos do quarto ano de Joaquim. Segundo JrLXX 43,1-4/JrTM 36,1-4, foi, de facto, nesse ano que Baruc escreveu, sob o ditado de Jeremias, as palavras de Iavé num livro⁵⁹. Muitos exegetas pensam que a referência à escrita do livro e a data não se liam no texto original de JrLXX 51,31/JrTM 45,1, o qual não suporia qualquer relação entre o oráculo de Baruc e a escrita do primeiro rolo. A menção da escrita e a data teriam sido acrescentadas por um editor que se propunha associar o oráculo de Baruc com a escrita do rolo, situando o primeiro no contexto da segunda⁶⁰. Quer sejam originais ou acrescentos ulteriores, essas informações determinam a compreensão do trecho que introduzem. Na forma presente, o oráculo de Baruc não pode deixar de ser lido à luz dos rolos e das peripécias que, segundo JrLXX 43,1-4/JrTM 36,1-4, rodearam a sua escrita.

O episódio da escrita dos rolos não é, no entanto, a única chave de leitura do oráculo de Baruc. JrLXX 51,31/JrTM 45,1 supõe um lapso longo entre o momento em que Iavé se dirigiu a Baruc e o momento em que o narrador informou o leitor sobre isso. Entre os dois momentos, a situação de Judá mudou por completo. O reino foi conquistado e Jerusalém destruída pelos Babilónios. Segundo a versão dada pelo livro de Jeremias, uma parte dos habitantes foi

⁵⁷ Sem equivalente em JrLXX 51,32.

⁵⁸ «e isto em toda a terra», sem correspondência em JrLXX 51,34. Veja-se W. MCKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 1096-1097 e 1106.

⁵⁹ O quarto ano de Joaquim é uma data importante no livro de Jeremias. Lê-se também em Jr 25,1 e JrLXX 26,2/JrTM 46,2.

⁶⁰ Veja-se a discussão de W. MCKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 1099-1106.

exilada para a Babilónia. Os outros foram mortos ou se refugiaram no Egipto, contra a vontade de Iavé. O país de Judá ficou assim desolado e sem vitalma. O povo que foi para o Egipto, do qual Jeremias e Baruc fazem parte, está condenado ao extermínio (JrLXX 49,17-18; 50,11-14a.27/JrTM 42,17-18; 44,11-14a.27)⁶¹. É nesse ponto do relato que o narrador informa sobre o oráculo de Baruc, um episódio que teria tido lugar 18 ou 17 anos antes. Os acontecimentos ocorridos entre o quarto ano de Joaquim e a chegada dos refugiados ao Egipto são, a meu ver, a outra chave de uma leitura narrativa de JrLXX 51,31-35/Jr TM 45.

Tendo em conta o que precede, «estas palavras» escritas no livro (JrLXX 51,31/JrTM 45,1) são o conteúdo do primeiro rolo (JrLXX 43,3/JrTM 36,3), sendo as desgraças que ele anuncia o principal motivo da lamentação de Baruc. O autor refere-se porventura também às circunstâncias adversas em que Baruc leu o anúncio dessas desgraças em público. Baruc arriscou então a própria vida. Prometendo-lhe a vida salva quando as desgraças se abaterem sobre Judá, Iavé parece responder à sua fidelidade. No entanto, o texto não apresenta a salvação de Baruc como uma recompensa.

O sentido da expressão abstracta «toda a carne» (*kol-bâsâr*), o alvo da desgraça causada por Iavé, é discutido. Para uns, ela designa toda a humanidade; para outros, refere-se só a Judá⁶². Tendo em conta o contexto, a segunda compreensão é a mais provável⁶³. Na lógica dos relatos, «toda a carne» deve ser precisamente o rebotalho que se refugiou no Egipto. Sendo uma massa humana, que está fora da sua terra e privada das suas instituições, já não se lhe aplicam as expressões concretas usadas em JrLXX 43/JrTM 36: «a casa de Judá» (v. 3), «o povo» (v. 6), «todo Judá» (v. 6), «esse povo» (v. 7), «Joaquim, os seus servidores, os habitantes de Jerusalém e a população de Judá» (v. 31). De maneira semelhante, a expressão «em todos os lugares para onde fores» refere-se às vicissitudes por

⁶¹ JrLXX 50,14b.28/JrTM 44,14b.28 concedem que um pequeno número regressará a Judá. O v. 14b contradiz o v. 14a, que exclui a existência de sobreviventes. Acontece o mesmo entre o v. 28 e o v. 27. Os exegetas vêem nos vv. 14b e 28 correcções feitas por um editor posterior que conhecia a existência de um vaivém de Judeus entre o Egipto e a Judeia. W. McKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 1074-1075 e 1080-1081.

⁶² W. McKANE, *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah* (n. 25), pp. 1096-1097.

⁶³ É o sentido da expressão em Jr 12,12. Em JrLXX 32,31/JrTM 25,31 e Jr LXX 39,27/JrTM32,27, ela designa toda a humanidade.

que passou Baruc desde a escrita dos rolos até à ida forçada para o Egípto, onde será salvo quando os seus companheiros forem exterminados.

A história de Baruc tem semelhanças flagrantes com a do cuchita Ebed-Melec, valendo por isso a pena compará-las. Ambos intervêm a favor de Jeremias ou das palavras de Iavé que ele comunica. Ebed-Melec salva a vida a Jeremias, fazendo-o retirar da cisterna (JrLXX 45,7-13/JrTM 38,7-13). Baruc «salva» as palavras que Iavé comunicou a Jeremias, escrevendo-as e lendo-as publicamente duas vezes (JrLXX 43/JrTM 36). A ambos Iavé promete salvar a vida: a Ebed-Melec, aquando da desgraça de Jerusalém (JrLXX 46,15-18/JrTM 39,15-18); a Baruc, aquando da desgraça do refugio do povo de Judá (JrLXX 51,31-35/JrTM 45). Os dois textos expressam a salvação nos mesmos termos, usando a mesma imagem dos despojos de guerra. Com uma ironia cruel, a imagem vê um despojo de guerra na própria vida do soldado derrotado que conseguiu escapar à morte. A imagem só se encontra no livro de Jeremias. Além de JrLXX 46,18/JrTM39,18 e JrLXX 51,35/JrTM 45,5, lê-se em Jr 21,9 e JrLXX 45,2/JrTM 38,2, onde expressa o destino dos hierosolimitanos que se renderem ao rei da Babilónia, contraposto à morte certa dos que lhe resistirem.

As histórias de Baruc e Ebed-Melec diferem quanto ao alvo da desgraça a que eles serão poupados, respectivamente Jerusalém e o rebotalho do povo de Judá que se refugiou no Egípto. Elas diferem sobretudo quanto à razão da salvação. Sem motivação explícita no caso de Baruc, a salvação de Ebed-Melec recompensa a sua confiança em Iavé. «Com certeza te livrarei, e não cairás morto à espada. A tua vida será para ti o despojo, porque confiaste em mim» – oráculo de Iavé». Deve supor-se que Ebed-Melec manifestou a confiança em Iavé fazendo retirar Jeremias da cisterna, pois é a única outra vez que o livro o menciona. JrLXX 46,18/JrTM39,18 atribui assim uma motivação teológica ao que JrLXX 45,7-13/JrTM 38,7-13 apresenta como uma acção humanitária.

Contrariamente ao oráculo de Ebed-Melec, o de Baruc não motiva explicitamente a promessa de salvação. Por que razão Iavé promete salvar Baruc ao passo que extermina todos os seus companheiros? Por que razão o narrador não só informa sobre essa promessa, mas faz dela a conclusão dos relatos onde intervém Baruc?

A meu ver, a resposta a estas perguntas é sugerida, uma vez mais, pela introdução do oráculo, mais concretamente, pela associação que ela estabelece entre a salvação de Baruc e o papel que

ele desempenha em JrLXX 43/JrTM 36. Esse capítulo faz de Baruc, entre outras coisas, o depositário das palavras que Jeremias recebeu de Iavé. De facto, no seu termo, o rolo que contém as ditas palavras está nas mãos de Baruc. E não há notícia de que entretanto ele o tenha entregado a outrém. Por conseguinte, Baruc é a única fonte de informação sobre Jeremias e a sua mensagem. Em vez de ser uma recompensa pessoal, como no caso de Ebed-Melec, a salvação de Baruc está assim ao serviço da salvação das palavras de Iavé de que ele é o depositário. Ela é a condição *sine qua non* da preservação e da transmissão das palavras que Jeremias recebeu de Iavé. Era igualmente necessário que o narrador informasse sobre a salvação de Baruc, por um lado, para explicar como a mensagem de Jeremias não se perdeu com a sua ida para o Egipto e, por outro lado, para garantir a «autenticidade» do livro de Jeremias. Finalmente, dada a função que a salvação de Baruc desempenha no livro, o seu lugar normal é exactamente onde se encontra, isto é, na conclusão da secção que põe essa personagem em cena.

CONCLUSÕES

1. Baruc

Os relatos sobre Baruc filho de Nérias filho de Masseias começam, em JrLXX 39,6-15/JrTM 32,6-15, com a entrega que Jeremias lhe faz do contrato de compra do campo do seu primo Hanameel. Baruc começa assim a carreira como depositário desse documento, chamado literalmente «o livro da compra/aquisição» tanto no TM (*séfêr hammiqnâh*) como na LXX (*tó biblíon tês ktêseôs*). O relato não justifica a escolha que Jeremias fez de Baruc para a função que lhe confia. Pelo contrário, diz explicitamente qual é o sentido da transacção fundiária e sugere claramente o alcance da entrega a Baruc do contrato respectivo. A compra do campo é antes de tudo a antecipação simbólica da restauração que Iavé promete a Judá para depois da conquista babilónica de Jerusalém. Por conseguinte, entregando a Baruc o contrato de compra, Jeremias faz dele o portador da garantia da restauração de Judá.

A segunda intervenção de Baruc também gira em torno de escritos, recebendo ele então outro livro, que é, sob todos os pontos de vista, muito diferente. Enquanto que o contrato de compra foi escrito por Jeremias, os rolos de JrLXX 43/JrTM 36, embora tenham

sido ditados por Jeremias, foram escritos por Baruc. Tendo a desgraça de Jerusalém como certa, a compra do campo projecta o leitor para além do infortúnio, anunciando a restauração de Judá. Situando-se num momento anterior, JrLXX 43/Jr TM 36 dramatiza a passagem do anúncio condicional da desgraça de Judá ao seu anúncio incondicional. Tendo recusado a conversão ao queimar o rolo com as palavras de Iavé, Joaquim perdeu a última oportunidade de afastar a desgraça que o dito rolo anunciava. Daí que o segundo rolo reitere e reforce o anúncio da desgraça de Judá, nomeadamente tornando o anúncio incondicional e a desgraça inevitável. O teor do segundo rolo é, por conseguinte, diametralmente oposto ao do contrato da compra de que Baruc já tinha a guarda. Enquanto que o contrato garante, incondicionalmente, a restauração de Judá, o rolo anuncia, de maneira igualmente incondicional, que o rei da Babilónia vai arruinar o país de Judá e exterminar dele homens e animais (JrLXX 43,29/JrTM 36,29). No termo da sua segunda intervenção, Baruc tem mais esse livro nas mãos.

Os relatos da fuga para o Egipto (Jr LXX 50/JrTM 43), os únicos que não relacionam Baruc com um escrito, dão duas imagens dessa personagem. Segundo uma, que o narrador atribui aos chefes, Baruc seria o manipulador de Jeremias, a quem poria ao serviço da ruína do povo. Para o narrador, essa imagem é o avesso da realidade. De facto, o Baruc dos relatos da fuga para o Egipto é o simples companheiro de Jeremias. Como Jeremias, ele está inteiramente à mercê dos chefes, que o arrastam para o Egipto.

No oráculo dirigido a Baruc (JrLXX 51,31-35/JrTM 45), que contém a quarta e última menção dessa personagem em *Jeremias*, o livro com as palavras de Iavé volta ao primeiro plano. Com efeito, a introdução insiste que o oráculo data do ano em que Baruc escreveu o primeiro rolo. Não sendo explicitamente justificada a promessa de salvar-lhe a vida que Iavé faz então a Baruc, deve pensar-se que ela tem a ver com o livro a que a introdução a associa. Tendo sido destruído o primeiro rolo, a atenção volta-se naturalmente para o segundo, que o substituiu. Ora esse rolo está nas mãos de Baruc. É para que Baruc o preserve e o transmita que Iavé lhe vai salvar a vida. A salvação de Baruc está assim ao serviço do rolo de que ele é o depositário.

Baruc termina a carreira no livro de Jeremias com dois livros nas mãos: o contrato de compra do campo anunciando a restauração da vida no país de Judá e o rolo com as palavras de Iavé anunciando a ruína de Judá. Além disso, Baruc é beneficiário de

uma promessa pessoal. Iavé garante que lhe salvará a vida em qualquer circunstância, ao passo que a desgraça se abaterá sobre os seus companheiros. Como se conjugam os anúncios de felicidade e de infelicidade relativos ao povo? Quem são os beneficiários de uma e os alvos da outra?

JrLXX 39/JrTM 32 responde a essas questões. Os alvos da infelicidade são Jerusalém e o seu rei (vv. 3-5). Os beneficiários da restauração são designados no v. 37: «Eis que vou reuni-los de todas as terras⁶⁴, para onde os dispersei no meu furor, na minha ira, na minha grande indignação; hei-de fazê-los voltar a este lugar e habitar em segurança». Segundo os vv. 37-44, só se qualificam para participar na restauração da vida económica em Judá os judeus que o próprio Iavé dispersou. Não é esse o caso dos que se refugiaram no Egito, pois, pelo menos os chefes, fizeram-no de livre vontade. Pior ainda, fazendo-o, desobedeceram à ordem explícita de Iavé que os mandava ficar em Judá. Os que foram para o Egito ficam assim excluídos da restauração prometida por Iavé. JrLXX 49-51/JrTM 42-44 afirma que eles não têm futuro, mas estão votados ao extermínio. A salvação que Iavé promete a Baruc não lhes diz respeito de forma alguma (JrLXX 51,31-35/JrTM 45).

Tomando a figura de Baruc como fio condutor, os relatos de JrLXX 39-51/JrTM32-45 apresentam-se como sendo a lenda das origens do livro de Jeremias⁶⁵. Contam, primeiro, como Baruc escreveu as palavras que Jeremias recebeu de Iavé, tornando-se assim depositário do livro que as contém. Depois contam como Iavé prometeu a Baruc salvar-lhe a vida, garantindo desse modo a preservação e a transmissão desse livro. A história é contada do ponto de vista de alguém que não pertencia ao grupo de Baruc. Pelo contrário, o narrador vê no grupo de Baruc o rebotalho de Judá, votado ao extermínio no Egito, onde se refugiou. Do ponto de vista do narrador, Baruc não pertence verdadeiramente a esse grupo, pois se encontra nele contra a sua vontade. Por isso é natural que não partilhe o seu destino. Ao passo que o grupo será exterminado,

⁶⁴ Na LXX lê-se o singular («de toda a terra»), mas os beneficiários da reunião são os mesmos que no TM. Sobre a relação entre o singular e o plural, vejam-se Herbert MITSCH, *Jeremias Ackerkauf. Eine Untersuchung von Jeremia 32* (Österreichische Biblische Studien, 15), Frankfurt am Main, Peter Lang, 1995, pp. 346-348 e 360-363; A. G. SHEAD, *The Open Book and the Sealed Book* (n. 13) pp. 210-212.

⁶⁵ Vários autores qualificaram JrTM 36 de etiologia do livro de Jeremias. Por exemplo, Yair HOFFMAN, «Aetiology, Redaction and Historicity in Jeremiah XXXVI», *Vetus Testamentum* 46 (1996) 179-189.

Baruc será salvo. O narrador não informa sobre o destino de Jeremias. O que conta é o livro que está nas mãos de Baruc. A salvação de Baruc era necessária para a transmissão do livro aos seus verdadeiros destinatários.

Do ponto de vista histórico, a lenda das origens do livro de Jeremias contada em JrLXX 39-51/JrTM 32-45 deve ser lida à luz das lutas pela supremacia entre as comunidades judaicas que se formaram como consequência da conquista babilônica do reino de Judá. Na lógica desses relatos, a comunidade judaica do Egito reúne todos os judeus que não tinham sido exilados para a Babilônia ou mortos. Essa comunidade teria nascido de uma desobediência formal a Iavé e, por conseguinte, seria filha de um pecado original. De um traço, os relatos riscam assim do mapa a comunidade judaica da Palestina, que era de longe a mais numerosa, e ilegitimam a comunidade do Egito, que declaram aliás condenada ao extermínio. Por exclusão, fica a comunidade da Babilônia como única herdeira legítima de Judá. Os Judeus exilados na Babilônia ou os seus herdeiros na Judeia – e só eles – são Judá/Israel⁶⁶.

Sob a forma presente, os relatos de JrLXX 39-51/JrTM32-45 representam o ponto de vista e os interesses da comunidade judaica da Babilônia ou dos que com ela se identificam. Estes declaram-se os únicos beneficiários da restauração do país de Judá garantida pelo contrato da compra do campo. Vários outros textos, nomeadamente nos livros de Jeremias e de Ezequiel, expressam igualmente a ideia de que só os exilados para a Babilônia são Israel e, a esse título, beneficiarão da restauração. Alguns textos restringem esse privilégio aos que foram exilados em 597 a.C. com Joiaquin⁶⁷. Em sentido oposto, constata-se a tendência para confundir exílio e diáspora⁶⁸.

Os judeus que se identificam com os exilados declaram-se também os únicos herdeiros da mensagem de Jeremias. Para fundamentar uma e outra reivindicação, «eliminaram» as comunidades judaicas da Judeia e do Egito, tendo o cuidado de «salvar» Baruc, um dos seus membros, para se apoderarem do livro de Jeremias de que ele era o depositário.

⁶⁶ Francolino J. GONÇALVES, «Exílio babilônico de «Israel». Realidade histórica e propaganda», *Cadmo* 10 (2000) 167-196.

⁶⁷ Jr 21,1-7; 24,1-10; JrTM 29,16-20; Ez 11,14-21.

⁶⁸ O plural «de todas as terras», em JrTM 32,37, é provavelmente fruto dessa tendência. Cf. supra n. 64.

Abstracção feita de Jr 52, que é um apêndice nas duas edições do livro, os relatos de JrLXX 39-51 são a conclusão de JrLXX. O livro termina precisamente com uma menção de Baruc (JrLXX 51,31-35) que equivale à sua assinatura⁶⁹. Baruc assina, pelo menos, como depositário do livro e garante da sua autoridade. O facto de terminar com os relatos de JrLXX 39-51 contribuiu significativamente para conferir ao livro traços biográficos. À maneira das biografias, JrLXX esboça a carreira de Jeremias no espaço e no tempo, conduzindo-o de Anatot, o lugar do seu nascimento, ao Egipto, o lugar do seu ocaso; do começo da sua actividade, no reinado de Josias, ao fim da mesma, no Egipto, com um oráculo contra o faraó Hofra (JrLXX 51,29-30). P.-M. Bogaert expressa bem o teor de JrLXX, sugerindo como título: «Vida e palavras de Jeremias segundo Baruc»⁷⁰.

Fazendo de JrLXX 39-51 a conclusão, JrLXX põe em grande relevo a lenda das origens do livro que esses relatos contam, assim como a personagem de Baruc, que é o protagonista humano dessa lenda. Isso parece indicar que a organização de JrLXX se destina a legitimar o livro, isto é, a mostrar que ele contém realmente as palavras que Iavé dirigiu a Jeremias e, por conseguinte, a fundamentar a sua autoridade. Ora o único garante dessa legitimidade é Baruc. Daí a sua grande importância. JrLXX realça a figura de Baruc essencialmente mediante a organização da matéria. Embora seja de maneira mais discreta, fá-lo também na versão que JrLXX 43 dá da escrita dos rolos, sobretudo do segundo, precisamente, aquele que, na lógica dos relatos, Baruc tem em seu poder. É o próprio Baruc que toma o segundo rolo, sem esperar que Jeremias lho entregue (v. 32), como acontece em JrTM 36,32.

Os diferentes relatos de JrTM 32-45 são fundamentalmente idênticos aos de JrLXX 39-51 e, além disso, estão dispostos segundo a mesma sequência. Considerados em si mesmos, eles guardam intacto o carácter de lenda das origens do livro. No entanto, essa dimensão dos relatos está obscurecida pelo facto de eles terem sido relegados para o interior do livro. O lugar que a lenda das origens do livro ocupa em JrLXX cabe, em JrTM, aos «Oráculos contra as

⁶⁹ P.-M. BOGAERT, « Le personnage de Baruch et l'histoire du livre de Jérémie » (n. 22), p. 75. O autor refere Albert Gelin (1951). Poderia assinalar-se também A. WEISER, *Das Buch Jeremia* (ATD 20/21), Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1966 (1952), p. 376.

⁷⁰ P.-M. BOGAERT, « Vie et paroles de Jérémie selon Baruch » (n. 16).

Nações», sobre os quais incide assim a atenção. Por conseguinte, JrTM revela menos interesse pela legitimação do livro do que JrLXX. Como consequência, a figura de Baruc, o depositário do livro e o garante da sua autenticidade, tem muito menos relevo em JrTM do que em JrLXX.

2. Jeremias

Nos textos estudados, Jeremias é antes de mais o porta-voz de Iavé junto do povo de Judá, de um dos seus membros ou de uma nação estrangeira. No entanto, Jeremias também intervém junto de Iavé a favor do seu povo ou do que resta dele. Essa função de mediador expressa-se pelo título de profeta (*nâbí'/profêêts*), que as duas edições do livro lhe dão, mas com uma frequência muito desigual. Enquanto JrTM o faz 7x, repartidas por todos os textos examinados⁷¹, JrLXX só o faz 3x e unicamente nos dois últimos⁷². JrLXX só dá esse título a Jeremias outra vez, em JrLXX 28,59/JrTM 51,59. JrTM fá-lo mais 24x, sobretudo nas partes narrativas⁷³, mas também nas introduções dos oráculos contra as nações⁷⁴ e contra Judá (25,2) ou um dos seus membros (20,2).

Jeremias é o livro bíblico que tem a maior concentração de vocabulário profético. Com efeito, usa o grupo lexical *nâbí'* 135x, isto é, um pouco mais de 30% dos 445 empregos em todo o TM e mais de 55% dos 244 empregos no conjunto dos livros proféticos. O vocabulário profético é muito menos frequente em JrLXX, onde os termos *profêêts* e derivados só se lêem 87x, isto é, menos 48 – cerca de 36% – do que os equivalentes hebraico-aramaicicos no TM. Apesar disso, *Jeremias* é, de longe, o livro da Bíblia grega que mais usa os termos *profêêts* e derivados.

De facto, os profetas enxameiam no livro de Jeremias. As suas imagens são aliás muito contrastadas. Uns fazem parte do clero e estão regularmente associados às demais classes dirigentes, sobretudo aos sacerdotes, assim como aos adivinhos. Há pessoas que, sem serem chamadas profetas, profetizam, ilegitimamente umas e legitimamente as outras. Por fim, há a linhagem dos «servos de

⁷¹ JrTM 32,2; 36,8.26; 42,2.4; 43,6; 45,1.

⁷² JrLXX 49,2; 50,6 e 51,31/JrTM 42,2; 43,6 e 45,1.

⁷³ 28,5.6.10.11.12.15; 29,1.29; 34,6; 37,2.3.6.13; 38,9.10.14.

⁷⁴ 46,1.13; 47,1; 49,34; 50,1; 51,59/JrLXX 28,59.

Iavé, os profetas»⁷⁵, da qual Jeremias parece ser o último. O livro de Jeremias é, sem dúvida alguma, o estúdio onde se modelaram e esculpiram as principais imagens proféticas expostas no Antigo Testamento.

A esmagadora maioria dos textos do livro de Jeremias condena sem apelo a classe profética assim como as outras pessoas que lhe são assimiladas. Denunciam-se, em geral, as injustiças de que os profetas são mestres⁷⁶ e, em particular, as suas faltas profissionais⁷⁷. Declara-se a sua inutilidade (4,9; 14,18) ou anuncia-se-lhes a ruína (2,30; 8,1-3; 13,13-14). O exame de todos os textos relativos aos profetas levou-me à conclusão de que Jeremias não era profeta nem aos seus próprios olhos nem aos olhos dos seus contemporâneos. Pelo contrário, ele era um adversário e um concorrente directo dos profetas. Foi declarado profeta a título póstumo⁷⁸. Os testemunhos mais antigos dessa declaração são o relato da vocação (1,5) e as quatro passagens que conferem a Jeremias o título de profeta em JrLXX. Dadas as suas afinidades com Is 40-55, o relato da vocação não deve ser anterior à segunda metade do século VI a.C. Três dos quatro testemunhos mais antigos da atribuição do título de profeta a Jeremias encontram-se nos textos que estudámos no presente trabalho (JrLXX 49,2; 50,6 e 51,31/JrTM 51,59; 42,2; 43,6 e 45,1). O outro faz parte da introdução de JrLXX 28,59-64/JrTM 51,59-64, um relato que põe em cena Seraías, irmão de Baruc. Seraías desempenha nele um papel de agente de Jeremias, comparável ao do seu irmão, sobretudo em JrLXX 43/JrTM 36.

A edição do livro representada por JrLXX documenta já o reconhecimento de Jeremias como profeta. No entanto, esse reconhecimento está a começar. Ainda só se expressa raramente e em contextos bem definidos: o relato da vocação e três textos em que figuram Baruc – fuga para o Egipto e oráculo de Baruc – ou o seu irmão Seraías. Deve ter sido nestes últimos que Jeremias recebeu pela pri-

⁷⁵ 7,25-26; 25,4-7; JrLXX 33,3-6; 42,15-17; 51,2-6/JrTM 26,3-6; 35,15-17; 44,2-6 e JrTM 29,16-19. Pode ver-se Francolino J. GONÇALVES, «Concepção deuteronomista dos profetas e sua posteridade», *Didaskalia* 33 (2003) 88-96 (73-96).

⁷⁶ 2,26; 5,31; 6,13-15; 23,9-15.

⁷⁷ 2,8; 5,13; 14,13-16; 23,16-32; JrLXX 34,9-10; 36, 8-9; 39,32 / JrTM 27,9-10; 29,8-9; 32,32.

⁷⁸ Francolino J. GONÇALVES, «Les 'Prophètes Écrivains' étaient-ils des *n°bi'im?*», in P. M. Michèle DAVIAU, J. W. WEVERS and M. WEIGL (eds.), *The World of the Aramaeans I: Biblical Studies in Honour of Paul-Eugène Dion* (JSOTS, 324), Sheffield, Sheffield Academic Press, 2001, pp. 175-180 (144-185).

meira vez o título de profeta. Isso indica que a «profetização» de Jeremias foi obra de pessoas que se identificavam com a família de Nérias filho de Masseias, da qual o fizeram porta-bandeira⁷⁹.

A «profetização» de Jeremias impôs-se no período que separa as duas edições conhecidas do livro. A proliferação do título de profeta em relação a Jeremias no TM é prova disso. A passagem do texto da LXX ao TM documenta a consagração de Jeremias como profeta. Nos textos que estudámos o título de profeta foi acrescentado em JrTM 32,2; 36,8.26; 42,4. O exemplo mais eloquente do processo de «profetização» de Jeremias é porventura JrLXX 35/JrTM 28, um texto que opõe essa personagem a Hananias. Na LXX, só Hananias recebe um título, *pseudoprofêêtês* (falso profeta), na sua apresentação (v. 1). Pelo contrário, o TM, numa espécie de simetria, dá o título de profeta (*nâbî'*) 6 vezes a cada um dos adversários: a Hananias (vv. 1.5.10.12.15.17) e a Jeremias (vv. 5.6.10.11.12.15). O mais simples é supor que o tradutor grego se limitou, como de costume, a verter o texto hebraico que lhe serviu de base. Nesse caso deve admitir-se que esse texto não dava nenhum título a Jeremias. Pelo contrário, dava a Hananias o título de *nâbî'*, que o tradutor grego verteu *ad sensum* por *pseudoprofêêtês*, como fez outras oito vezes⁸⁰. Numa palavra, na versão da disputa dada pela LXX, Jeremias ainda não era profeta. A disputa era entre Hananias, um profeta reconhecido, e Jeremias, que não tinha nenhuma qualificação socialmente reconhecida para falar em nome de Iavé.

JrTM não manifesta um interesse particular pela legitimação do livro de Jeremias ou do seu titular. Já ninguém devia contestar a legitimidade de um ou do outro quando foi feita essa edição do livro. Daí que JrTM relegue para as páginas interiores a lenda das origens do livro. Isso implica que Baruc, o garante da autoridade do livro tem menor importância em JrTM do que em JrLXX. À redução da imagem de Baruc em JrTM corresponde, simetricamente, a ampliação da imagem de Jeremias. Assim, enquanto que JrLXX está, implicitamente, assinado com o nome de Baruc (JrLXX 51,31-35), JrTM está, explicitamente, assinado com o nome de Jeremias, graças

⁷⁹ Vários exegetas pensam que Baruc e Seraías representam os interesses de um grupo particular. A maioria qualifica-o de deuteronomista. Veja-se, por exemplo, Walter BRUEGGEMANN, «The «Baruch Connection»: Reflections on Jer 43:1-7», *Journal of Biblical Literature* 113 (1994) 405-420. H.-J. STIPP, «Baruchs Erben» (n. 24), pp. 162-168, vê nele a classe patricia.

⁸⁰ 6,13; JrLXX 33,7.8.11.16; 34,9; 36,1.8/JrTM 26,7.8.11.16; 27,9; 29,1.8. Dá-se o mesmo em Zac 13,2.

ao *explicit* que se lê no fim de JrTM 51,64: «Até aqui as palavras de Jeremias». O relato sobre o livro que Jeremias escreveu e Seraías, irmão de Baruc, atirou para o Eufrates (JrTM 51,59-64) serve de conclusão não só aos «Oráculos contra as Nações», mas também ao conjunto de JrTM. O *explicit* de JrTM 51,64 é próprio a JrTM. Em JrLXX, ele ficaria aliás completamente deslocado, pois o relato sobre o livro atirado ao Eufrates encontra-se no centro do livro, em JrLXX 28, 59-64.

FRANCOLINO J. GONÇALVES